

# RUÍNAS HISTÓRICAS E HISTÓRIAS INVENTADAS: IMAGEM E ORALIDADE NOS BARROCOS DA MEMÓRIA

*Histoic ruins and invented stories: image and orality in the barroque memories*

*Ruínas históricas e historias inventadas: imagen y oralidad en los barrocos de la memoria*

**Mônica Toledo Silva**  
Professora visitante da FAFICH-UFMG e pós doutora pela mesma instituição;  
mestre e doutora em semiótica pela PUC-SP. artista pesquisadora das  
linguagens do corpo no cinema e audiovisual.  
*E-mail: monica1605@gmail.com*

## Resumo

O barroco em pequenas localidades históricas dialoga com seus moradores e entornogera~~ndo~~ novas formas de discurso comunicacional, ao ser reinventado no espaço e tempo e atualizar-se em histórias vivas num presente permeado de memória e invenção. Ele não pode ser apreendido em sua totalidade mas sim compreendido como um fenômeno contemporâneo, fluido e aderente ao instante presente.

**Palavras-chave:** Memória. Barroco. Ruína. Imagem. Imaginação.

## Abstract

In small historical Brazilian towns, Barroque exchanges and creates with its neighbours and surroundings new speeches and forms of discourse. This is the case when Barroque is reinvented in space and time and actualized in living stories occurring in a present filled with memory and invention. This relationship cannot be perceived in its entirety but one can understand it as a phenomenon which is contemporary, fluid and adherent to the present instant.

**Key words:** Memory. Barroque. Ruin. Image. Imagination.

## Resumen

El barroco en pequeñas localidades históricas dialoga con sus habitantes y entorno generando nuevas formas de discurso comunicacional, al ser reinventado en el espacio y tiempo y actualizar-se en historias vivas en un presente permeado de memoria e invención. Él no puede ser incautado en su totalidad pero sí comprendido como un fenómeno contemporáneo, fluido y adherente al instante presente.

**Palabras-clave:** Memoria. Barroco. Ruina. Imagen. Imaginación.

*O barroco, nas ruínas visitadas, não se apresenta de imediato;*

*antes, ele é vestígio, traço, função operatória,*

*que produz dobras incessantemente.*

(DELEUZE, 1991)



O restaurador francês Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (2007) comenta que nenhuma civilização em tempos passados teve a intenção de fazer restaurações como as compreendemos hoje. Na Ásia um templo ou palácio sofria as degradações do tempo e erguia-se um outro ao lado. Não se destrói para tanto o antigo, “ele é abandonado à ação dos séculos, que dele se apoderam como se fosse uma coisa que lhes pertencesse, para corroê-la pouco a pouco.” Para esse famoso e controverso restaurador do século XIX o melhor meio para se conservar um edifício é encontrar para ele uma nova destinação.

A amplitude de questões que envolvem os termos história, ruína, restauro, requeririam enciclopédias, debates acirrados em grupos de estudos de cultura, antropologia, comunicação, ciências sociais e políticas, arquitetura, belas artes, devido à abrangência das implicações: memória, ideologia, tempo, preservação, crença, representação, imaginação.

Os resquícios físicos, materiais, que atestam nossa história, costumes e crenças alimentam também o nosso imaginário acerca daquelas vivências, jeitos de vestir e de comer etc. Nossa tendência ao visitar o barroco mineiro e suas construções coloniais é desejar que mantenham-se imaculados no tempo visualmente, assim como parecem estar na memória. Mas hoje os moradores são outros. Tendemos a imaginá-los na eterna tradição das senhoras cobertas de véu escuro e subindo as ladeiras, curvadas, em direção às missas. Ao mesmo tempo que isso torna-se uma visão rara e mais presente no imaginário popular vemos proliferarem-se os jovens universitários que habitam as mais de 300 repúblicas estudantis de Ouro Preto (notavelmente) e região, turistas, viajantes etc. A era da mobilidade também é mais nômade.

Se por um lado a instituição católica limita à presença de um padre para a celebração de uma missa por mês por igreja (comumente, abertas para visitação) nos distritos de Ouro Preto e Mariana, as comunidades apropriaram-se de muitos dos rituais religiosos - a comunhão, o canto, o batismo (coletivo e com a presença de centenas de crianças das redondezas, vestidas de anjo), o coral, a oração diária, celebrando-os por sua própria conta e sem uma presença oficial. Esta “simplicidade” e devoção também é visível nos altares: arranjos



pequenos de flor em pequenos vasos ou grandes arranjos de flores de plástico.

A memória do lugar agrega afeto, curiosidade, e também fatores aleatórios e esquecimento - relações variadas numa reconstituição histórica que também passa pela ficção. Florencia Garramuño elucida “ainsistência na materialidade dos restos, a obstinada conservação dos vestígios e resíduos que na preservação e insistência conduzem ao surgimento de outras histórias, de outra realidade construída com esses fragmentos do passado e impelida por eles, mas que abandona o passado em favor da presença.” (2011:207)

A lógica do objeto arquivado trabalha com a noção de presença, que sobrevive no tempo presente e se pergunta

pelo modo de lidar com o esquecimento, os restos e os vestígios. “Se a presença não é uma qualidade ou propriedade das coisas (Jean-Luc Nancy), mas o fato pelo qual uma coisa se apresenta, se implica na recusa do passado do fato, a maneira como restos de acontecimentos se fazem presentes poderia ser pensada de novas maneiras.” (GARRAMUNO, 2011:208)

Ouro Preto e Mariana, berços do barroco mineiro e do ciclo do ouro brasileiro, oferecem percursos memoriais que servem de inspiração e base conceitual para novos entendimentos e saberes atuantes no meio urbano, doméstico, imaginário e coletivo<sup>1</sup>. Os distritos ganham vida com o fim do ciclo do ouro, quando, para fugir da fome crônica, famílias inteiras, migrantes até então enriquecidos em Ouro Preto e Mariana<sup>2</sup> e atraídos pelas riquezas disponíveis, se dispersaram buscando terras férteis em novas roças, riberões, minas, próximos ao rio das Velhas, que corre ao lado da Serra do Espinhaço (divisora de águas dos rios Doce e São Francisco), a fim de não morrer de fome e começar vida nova diante do fim da colonização portuguesa.

Sendo a memória agregadora de afetos e imaginações, as ruínas, assim como as imagens, são uma marca do que

<sup>1</sup> O município mineiro de Mariana tem cerca de 60 mil habitantes e 10 distritos; é a primeira vila, cidade e capital de Minas Gerais e berço da religiosidade mineira. É Patrimônio Nacional e sua verba de restauração e preservação vem de Ouro Preto, Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, por sua vez com pouco mais de 70 mil habitantes e 13 distritos. Ouro Preto, em função de seus inúmeros tesouros e preciosidades inestimáveis à história da cultura, da sociedade, à arquitetura, teologia, economia, mineralogia etc (como brevíssimos exemplos mencionamos o Museu do Oratório, Museu da Moeda ou Casa dos Contos, e o Teatro Municipal), e consequentemente por sua imensa visibilidade (ainda que com suas tantas igrejas fechadas para restauro por tempo ilimitado), não será contemplada neste projeto, em detrimento a Mariana e alguns de seus distritos, que compartilham suas preciosidades e acrescentam outras de peculiaridades próprias.

<sup>2</sup> Em Mariana há a Catedral da Sé, primeira Catedral do Estado e uma das mais importantes do Brasil, presente de Dom João V ao 10 Bispo de Minas Gerais, que tem as 4 fases do barroco e também motivos chineses; o antigo Palácio dos Bispos, atual Centro Cultural Dom Frei Manoel da Cruz; o Museu da Música, que abriga o mais importante acervo latinoamericano de música sacra manuscrita (único do Brasil); a Igreja de São Francisco de Assis, onde o mestre Athaide está sepultado, Aleijadinho, e a figura da Arca de Noé durante o dilúvio; a Igreja da Nossa Senhora do Rosário, com imagens nos altares dos santos negros Rosário, Efigênia, Benedito; a Capela Nossa Senhora das Mercês abriga obra preciosa do imaginário barroco mineiro - nossa memória devota e histórica.

está ali e também do que falta; ambas revelam uma presença da ausência. Elas precisam ser habitadas pelo olhar, assim como a história precisa ser habitada por memórias para se manter viva e coerente com a ideia da construção como um organismo vivo que a todo instante se reinventa. A sociedade presa aos critérios do tempo cronológico, da história como um fenômeno linear, e do entendimento do corpo separado do ambiente e da cultura dá lugar a esse novo corpo mais solto e mais nômade que ocupa a rua, o dos estudantes, visitantes e estrangeiros.

Estas vivências não reafirmam as histórias ou memórias que sobrevivem ao tempo. Sabe-se hoje que histórias oficiais também são construídas com a imaginação de seus autores e que pareceres e toda sorte de documentos legitimados car-



regam consigo uma alta taxa de instabilidade no sentido da apuração histórica precisa; que arquivadores lidam com uma infinidade de conteúdos aos quais devem destinar algum fim, muitas vezes deliberado, descuidado. E que é assim neste contexto precário que tecemos a nossa história cheia de lacunas e contradições. Nestes termos e a partir do entendimento da memória como agregadora de afetos e imaginações, seria invariavelmente regida por histórias vivas (atuais).

Para Reinaldo Marques (2011) articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi, mas apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela lampeja no momento de um perigo. Contrapondo-se ao historicismo, Benjamin transforma a ruína, o fragmento, em potência de desconstrução do *continuum* da história, viabilizando a reden-



ção do passado. A partir da síntese de ruína de Benjamin se entrevêm formas de se lidar com resíduos.

A ilusão de permanência, a crença na imutabilidade destas paisagens históricas, parece agora presa a um livro antigo. Habitar, visitar e perceber estas localidades é o que as mantém vivas, ou seja, serem também agentes criadoras de sentidos - usos, afetos, gestos. Ruínas e memórias produzem tanto permanências quanto esquecimentos. A ideia de ruína enquanto percurso visual, se revela também arbitrária e entregue ao vento, sol, mapas alemães e guias locais.

Na opinião de Miguel Sanches Neto, “a ordem gera uma impotência criativa, matando a força das imagens que nascem das relações inusitadas que o caos põe em ação. Caos é fermentação e cria um estado de desconforto essencial para a produção da obra. (...) Habitar o caos é abrir-se para uma percepção particular dos possíveis da representação. Haveria uma selvageria na desordem, uma anterioridade que faz dela o território por excelência do artista.” (2011:64,67)

Tendemos a também querer manter o entendimento de ruína como camadas de tinta descamando da parede, uma visualidade confortável e simplista. Estes muros em grande parte foram cobertos por simples tinta branca e as abóbadas dos tetos das igrejas ficam nuas e lisas.

Ruínas são também construções que o tempo produz no lugar, habitando-o, assim como as histórias e memórias que procuram registrar uma visualidade “deteriorada”, que persiste quase como uma ficção. Podem ser pensadas como visualidades específicas, que indicam mais que um passado: elas têm a potencialidade de evocar algo além do que já não está ali visível. Nesse sentido, são imagens que marcam o que está em trânsito, visualidades que indicam a presença do tempo agindo no instante.

Distritos como São Bartolomeu (jóia barroca cortada pelo rio das Velhas), Santa Rita (base da explosão criativa do barroco mineiro e capital da pedra sabão), Glauro (passagem dos bandeirantes e palco da guerra dos Emboabas, conta com belas paisagens em restauro; lugar de descanso dos tropeiros, de abastecimento e comércio entre Sabará e Mariana); Santo Antônio do Salto (localizada num vale profundo com rio de quedas e corredeiras), Rodrigo Silva (única mina de topázio imperial do mundo, o distrito é cercado de colinas, com a Capela de Santa Quitéria e picos Itacolomi e Itabirito), Miguel Burnier (berço da siderurgia brasileira, com uma



grande represa), Antônio Pereira (Igreja Nossa Senhora da Conceição, destruída por incêndio, cujo interior abriga um cemitério e uma gruta com capela), Ribeirão do Carmo, que conta com a Igreja de Santa Teresa e a Capela de Santo Antônio (mais antigo templo do Estado e local da primeira missa), de arquitetura dos primórdios de Minas. Camargos sedia no alto de uma colina a Matriz da Nossa Senhora da Conceição, uma das mais antigas do Estado, com uma das primeiras pinturas de igreja mineiras. Passagens de Mariana, um dos primeiros núcleos de povoamento da região, abriga a Igreja Nossa Senhora da Glória, com pintura no forro de estilo ilusionista; Santa Bárbara sedia o Santuário do Caraça, também ambientes de potência inventiva e resistência cultu-

ral. Há ainda os povoados integrantes da Estrada Real, como Soares e Acuruí (com duas igrejas “abandonadas” próximas ao rio das Pedras).

Numa curta viagem que realizei em 2011 para conhecer algumas destas paisagens barrocas me deparei com uma realidade distinta da imaginada (e no nosso entendimento primeiro, abandonadas, maltratadas e entregues à própria sorte) que complexificou-se num misto de realidades dos moradores fazem delas parte de sua vida diária e objeto de devoção e invenção. Ao intervirmos nestes espaços, reavivando-os, tornam-se, eles próprios, parte desta história.

As construções seculares (fechadas ao público turístico), são em sua maioria abertas e mantidas pelas comunidades. Moradores habitam igrejas, celebram, cantam e cuidam de seus interiores, mantendo ornamentos e altares, vestindo santos e levando flores (frequentemente de plástico), sem a presença dos padres - que visitam os distritos para celebrar uma missa por mês apenas. Esta mediação nos faz perceber a realidade como um misto de fé e imaginação a cada instante renovada.

Tentar mapear as ruínas geograficamente se torna complicado (afinal o que a define?), assim como delimitar datas onde o aparente descaso oficial termina e o cuidado comunitário começa, ou precisar o dentro e o fora de cada lugar: o caminho traz um respeito por nossa própria história coletiva junto com a necessidade de expor estas (in)visibilidades da forma como elas são: ruidosas e ainda disformes. Passado, presente e futuro dão pistas de como foi um lugar há 300 anos na mesma instância em que nos obrigam a vê-los como possibilidade de discurso, pois dos vestígios maculados só há o que ainda pode vir a ser.

A noção de barroco em Focillon e também em Deleuze propõe pensar uma narrativa híbrida. “O barroco surge como um comportamento, como formas que vivem por si mesmas com intensidade, que se expandem e tendem a invadir o espaço, a perfurá-lo.” (FOCILLON, 1934). Tentar mapear ruínas coloniais nestes municípios e distritos torna-se tarefa impossível na medida que a cada nova visita eu vejo com novos olhares, troco novas informações, percebo ações distintas da viagem anterior. Temas fluidos e tempo sempre aberto à vontade do espaço cria sem parar novas existências, onde também projetamos nossas memórias em silêncio.

A cada visita novas inquietações e um renovado olhar,

nesse terreno cujos percursos também se dobram uns sobre os outros em espaços imaginários. Memórias e ruínas podem ser consideradas como construções temporais que conectam permanência e esquecimento. Como as imagens contemporâneas se relacionam com as noções de tempo, lugar, fragmento, instabilidade, fluxo.

Tomado enquanto relação, posição, entre lugar, o resto parece não se reduzir a uma coisa ou outra, dessencializando-se. Conecta-se com a cena de enunciação, remetendo ao estatuto próprio do sujeito do testemunho enquanto resto. O conceito de resto de Agamben remete às noções de falta e lacuna, deslocamento; relaciona-se ao não arquivável, não enunciável, estando fora da biblioteca do dito e enunciado. (GARRAMUNO, 2011:198).

O sentido de residual como hipótese de trabalho instaura novas possibilidades para o entendimento dos lugares no tempo do agora. Obra e sujeito resultam de uma trama instável e performática. Reverenciando Benjamin, imagens editadas não resultam em composição acabada, mas em ruínas de uma totalidade não existente.



Michel de Certeau (1994) compreende o espaço como lugar praticado. Na experiência de cada habitante a meio caminho entre o que permanece e o que passa há a importância de se discutir os lugares preservados pelo uso cotidiano que se faz deles, assim como pelos imaginários que continuam a habitá-los.

De que forma a noção de memória amplia os sentidos de barroco, história e ruína? As paisagens de ruínas são sempre da ordem do vivo, do que só permanece porque se transforma com o uso e o tempo. Nos universos do imaginário popular e particular, a memória alimenta o barroco que alimenta a cultura. Trata-se não mais de restaurar tempos e espaços como

foram, mas de compor junto com o tempo, no presente.

A partir da síntese de ruína de Benjamin e de resto de Agamben se entrevêm alguns elementos para lidar com a relação entre o dentro e o fora do lugar, a extensão de um ambiente na memória de um morador e a reinvenção deste mesmo espaço por ele próprio, que ultrapassa tempo e lugar, fisicalidade e visibilidade, entre o dizível e o imaginado, apontando para o fora, o devir outro.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi, mas apropriar-se do que sobrou na arquitetura e nos hábitos locais, contrapondo-se ao historicismo Benjamin transforma a ruína, o fragmento, relampejando como reminiscência, em potência de desconstrução do *continuum* da história, viabilizando a redenção do passado.

O inerente e constante surgimento de uma outra história, de outra realidade, construídas com fragmentos de passados e impelida por eles, abandona este passado em favor da presença. A transmissão do conhecimento (memória do lugar) agrega afeto, desejo, curiosidade, e desinteresse, esquecimento - relações variadas numa reconstituição também fictícia (particular). Moradores que habitam as redondezas das igrejas há tempos oficialmente fechadas para restauro ou extra oficialmente pela instituição católica promovem uma construção sempre inédita de nossa própria cultura no seu sentido vivo.

As ruínas são visíveis (nas construções), são invisíveis (em nossos corpos) - as nossas, que geram os gestos que vão agir naqueles mesmos lugares, atualizando-o com acontecimentos contínuos em suas atuais formas de se expressar, ocupar e criar imagens. Muitas das igrejas tiveram seu interior simplesmente coberto de branco, aniquilando toda herança material e visual da pintura das paredes e restringindo-se à arquitetura. Viver ali também é cuidar e alimentar seus próprios barrocos.

A imagem não reconhece fronteira entre arte e história, público e privado. Dicotomias são limitam um pensamento livre e impedem que se faça poesia na história ou realismo na arte. “A imagem é elemento constitutivo da própria pergunta, ela não preenche lacunas da memória, e sim impulsiona o olhar ao passado por caminhos não lineares.” (ENTLER, 2009:47) Tal narrativa, a partir de vestígios arruinados,



abertos, com o olhar detido nas bordas, será feita de “solavancos e arestas. (...) “A imagem da memória é campo aberto de significados, afetado de modo intenso pelas linguagens (música, narração, outras imagens) com que se confronta. Uma mesma imagem legitima relatos diferentes, com trilhas e textos distintos. (ibidem, 45, 46)

A noção de memória reinventa ruínas considerando que essas paisagens são sempre da ordem da instabilidade, da passagem, do que só permanece porque se transforma pelo uso e pelo tempo. Lugares se constroem por pessoas vivas. Este entendimento permeável da realidade tem como par-



ceiras as ideias de corpo, ambiente e cultura como entrelaçamentos que atestam nossa própria construção histórica.

O barroco hoje pode ser apreendido como uma ponte entre o imaginário e a ruína histórica, que epistemologicamente e semanticamente se atualizassem seu fardo histórico (o do fim das certezas iluministas, fim do pensamento lógico e racional, da informação uníssona e comprovável). O homem barroco também perdeu as referências - o próprio chão - e dá a perceber sempre um sentido que escapa para um espaço aberto. Formas impermanentes, visualidades imanentes.

Referências

CERTEAU, M. de. (1994) A invenção do cotidiano - artes do fazer. Petrópolis: Vozes.

DUBOIS, P. (2004) Cinema, video, Godard. São Paulo: Cosac & Naif.

ENTLER, R. (2009) Percursos nos interstícios entre a memória e o esquecimento. Catálogo CCBB (Chris Marker).

FOCILLON, H. (1992) The life of forms. New York: Zone Books.



GARAMUNO, F. (2011) In SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. (org). Crítica e Coleção. Belo Horizonte: UFMG.

KOIDE, E. K. (2009) Memórias fixadas, sentidos intinerantes. Catálogo CCBB (Chris Marker).

MARQUES, R. (2011) In SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. (org). Crítica e Coleção. Belo Horizonte: UFMG.

NETO, M. S. (2011) \_\_\_\_\_.

VIOLET-LE-DUC, E. E (2007). Verbete: Restauração (Dictionnaire 1854-1868, vol8). Ateliê Editorial, Cotia SP.

**Outras publicações da autora**

SILVA, M. T. (2013) “Montagens da realidade no cinema de Alain Resnais”. Logos (UERJ. Impresso), v. 38, p. 32-43.

SILVA, M. T. (2013) “O cinema de Michelangelo Antonioni, ou: paisagens para pensamentos”. Triade comunicação, cultura e mídia, v. 1, p. 105-114.

SILVA, M. T. (2013) “Memórias possíveis, sonhos reais: eu em algum lugar”. Performances da memória, v. 1, p. 60-79.

SILVA, M. T. (2013) “Sobre gestos de imagens: deslocando pensamentos”. Revista do programa de pós graduação em artes da escola de belas artes da UFMG, v. 3, p. 105-114.

SILVA, M. T. (2012) “O corpo fragmentado e recriado no cinema dos irmãos Dardenne”. OuvirOUver (Uberlândia. Impresso), v. 7, p. 128-137.

# APONTAMENTOS SOBRE A QUESTÃO ÉTICO-MIDIÁTICA DO DISCURSO DE ÓDIO NA REDE SOCIAL

*Appointments on the media ethical issue about the hate speech in social networks*

*Notas sobre la cuestión ético-mediática del discurso de odio en red social*

**Soraya Guimarães Hoepfner**

Doutora em Filosofia pelo Programa Integrado de Pós-Graduação em Filosofia (UFPB UFRN, UFPE), bacharel em Comunicação Social pela UFRN, em 2008-2009 foi bolsista do Svenska Institutet (Suécia), pesquisadora visitante da Escola de Cultura e Comunicação da Södertörn University (Suécia). Em 2012 integrou o quadro de professores temporários do Programa de Mestrado em Estudos da Mídia (Master Medienwissenschaft, da Humboldt Universität zu Berlin (Alemanha).  
E-mail: soraya.hoepfner@gmail.com

**Resumo**

Este artigo propõe uma breve reflexão sobre a questão do discurso do ódio na esfera pública, especificamente sobre sua manifestação do espaço da rede social. A discussão, iniciada por uma breve caracterização teórica do fenômeno, propõe uma compreensão do fenômeno justamente a partir da análise dos fundamentos que permeiam a sua descaracterização pela opinião pública. Ou seja, analisa como as visões de mundo que contribuem para a negação do problema aparecem mais evidentes quando o fenômeno manifesta-se no ambiente da rede social.

**Palavras-chave:** Discurso de ódio. Rede social. Filosofia da mídia .

**Abstract**

In this article, I present a brief reflection upon the question of hate speech in the public realm, specifically regarding its manifestation in the space of social networks. I introduce the discussion by formulating a short conceptual characterization of the phenomenon. Further, I draw an understanding of the phenomenon based precisely upon the analysis of the foundations of its mischaracterization by public opinion. In other words, this relates to the analysis of the premises upon which worldviews corroborate, in this particular context, the denial of the existence of hate speech.

**Key words:** Hate speech. Social network. Media philosophy.

**Resumen**

Este artículo propone una breve reflexión sobre la cuestión del discurso del odio en la esfera pública, específicamente sobre su manifestación del espacio de la red social. La discusión, iniciada por una breve caracterización teórica del fenómeno, propone una comprensión del fenómeno justamente a partir del análisis de los fundamentos que permeiam su descaracterización por la opinión pública. O sea, analiza como las visiones del mundo que contribuyen para la negación del problema aparecen más evidentes cuando el fenómeno se manifiesta en el ambiente de la red social.

**Palabras-clave:** Discurso de odio. Red social. Filosofía de la mídia.